

História social e história cultural e suas influências na produção historiográficas sobre cidades no Brasil.

Silvera Vieira de Araújo-PPGH/UFCG

Resumo

Este trabalho tem como objetivo central discutir algumas proposições sobre a história cultural francesa e a história social e suas recepções no Brasil, no que se refere ao estudo da cidade a partir das práticas de higienização, embelezamento e medicalização. A discussão envolve inicialmente as algumas proposições sobre a história social e a história cultural no que se refere aos métodos, objetos de pesquisa, fontes e fundamentos teóricos. No segundo momento, a proposta é problematizar a recepção da história social e cultural no Brasil em relação ao estudo da cidade sob o ponto de vista das práticas de higienização, embelezamento e medicalização. A concretização deste trabalho se deu mediante a leitura de material bibliográfico sobre história social e cultural, mas também bibliografias de perspectiva da história social e cultural que tem como centro de abordagem a cidade em conexão com as práticas de higienização, embelezamento e medicalização.

Palavras-chaves: História Social, História cultural e Cidades.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo central discutir algumas proposições sobre a história cultural francesa e a história social e suas recepções no Brasil, no que se refere ao estudo da cidade a partir das práticas de higienização, embelezamento e medicalização.

Inicialmente as discussões envolvem os pressupostos teóricos da história social no que se refere aos campos de investigação, temática e fontes. A história social ganha destaque principalmente a partir das publicações de E.P. Thompson que:

Não se limitou apenas a identificar o problema geral da reconstrução da experiência de uma grupo de pessoas comuns. Percebeu também a necessidade de tentar compreender o povo no passado, tão distante no tempo, quanto o historiador moderno é capaz á luz de sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência.”(BURKE, 1992, p.42).

Os historiadores sociais contribuem para uma ampliação do conceito de fontes, multiplicação dos objetos de pesquisa e uma abordagem das práticas dos grupos considerados marginais no contexto da história oficial.

A história cultural constitui uma narrativa no qual há a ênfase na dimensão cultural da experiência humana, em detrimento da análise de base estrutural enfatizada pelo marxismo. A história cultural estabeleceu um dialogo com a antropologia simbólica o que “ pode auxiliar o historiador a redirecionar seu empenho de resolver esses problemas e coloca-lo no caminho em busca de modelos de significados.” (DARNTON, 1990, p. 195).

A chamada “cultura popular” é o que tem mais chamado a atenção dos historiadores culturalistas. Pois, mitos, danças, cantos populares tem sido temática recorrente no âmbito das pesquisas históricas.

No Brasil, muitos historiadores adaptaram conceitos, métodos e objetos da história cultural e social, principalmente no que se refere ao estudo sobre cidades em sua relação as práticas de higienização, embelezamento e medicalização.

Na perspectiva de Michel de Foucault a cidade é concebida enquanto palco privilegiado dos dispositivos disciplinares com vista á ordenação dos indivíduos no espaço urbano. Por outro lado, a cidade pode ser pensada enquanto espaço cotidianamente reinventados pelos moradores que burlam os procedimentos de disciplina imposto pelos organizadores do espaço, o que reflete a influência de Michel de Certeau e seus conceitos de artes de fazer, táticas, homem ordinário presente em seu livro “ A Invenção do Cotidiano”.

A história social e a história cultural se caracterizam pela problematização dos objetos de pesquisa, e influenciaram a produção historiográfica no Brasil, com relação aos fundamentos teóricos, conceituais, temáticos, metodológicos.

História social e História cultural: algumas proposições

Roberto Darnton em “ O beijo de lamourrette” considera que a história social se relaciona com o momento de efervescência política dos anos 1960, em que há uma abertura para o estudo mais crítico do passado, no qual se questiona a análise historiográfica das grandes estruturas herdadas da perspectiva braudeliana. Neste contexto os historiadores sociais:

Acorreram não para preencher o vazio, mas para esgaravatar nas ruínas da velha nova história, não para reconstruir um passado único, mas para cavar em diversas direções. História Negra, História Urbana, História do trabalho, História do trabalho, História das mulheres, história da criminalidade, da sexualidade , dos oprimidos, dos silenciosos, dos marginais- abriram-se tantas linhas de investigação que a história social parecia dominar a pesquisa em todas as frentes. (DARNTON, 1990, p.177).

A história social ampliou os campos de investigação e os histtoriadores tem como objetivo “ reconstituir o solo comum da experiência para diferentes grupos de pessoas, utilizando técnicas tomadas de empréstimo á demografia, á economia, á sociologia.” . (DARNTON, 1990, p.178).

A partir da influencia de Georges Rude; E.P Thompson e E.J Hobsbawm que realizaram estudos brilhantes sobre o protesto popular e os movimentos operários, tem-se a chamada “ história vinda de baixa” para os que “ queriam estabelecer contato com a massa submersa(DARNTON, 1990, p.178).

A idéia central da chamada “ história vinda de baixo” é segundo Jim Sharpe: “ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e acima de tudo explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.” (SHARPE, 1992,p. 41).

Nos últimos anos, a história social passou por mudanças, a partir do interesse do historiador pela cultura. Assim, historiadores como E. P. Thompson passou a se interessar por aquilo que chamava de mediações culturais ou morais, neste sentido considera que “ a experiência de classe é a forma como essas são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais”(THOMPSON, 1987, p.10).

Os historiadores Roger Chartier e Jacques Revel considerados da quarta geração dos Annales investigam as práticas culturais a partir da influência de Michel Foucault, no que se refere aos pressupostos fundamentais da História Social. Assim como Foucault estes enfatizam que os objetos como: loucura, medicina, Estado são termos constituídos historicamente para cada época.

Para Roger Chartier e Jacques Revel “ as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos da prática cultural e produção cultural – O que não pode ser dedutivamente explicado por referencia a uma dimensão extra-cultural da experiência”(HUNT, 1992, p.9).

A história cultural “ desce-se abaixo do nível letrado e entra-se num território onde a história e a antropologia se reúnem” (DARNTON, 1990, p. 193). Neste contexto, a história cultural mantém uma relação de proximidade com a antropologia simbólica, o que pode ser verificado em obras de Natalie Zemon Davis e E. P. Thompson. Davis por exemplo, em “ O Retorno de Martin Guerre*” tem como objetivo “ compreender os elementos simbólicos e dramáticos da prática religiosa” (DESAN,1992 p.70).

Os historiadores que dialogam com a Antropologia, em geral tem o interesse de “ interpretar os padrões e os significados simbólicos desses fenômenos culturais, o historiador pode revelar de que modo o sistema social se ajusta e como seus participantes se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior.”(DESAN, 1992, p, 71-72).

Roger Chartier historiador da vertente culturalista enfatiza em seu livro “ A história cultural: entre práticas e representações” que “ a história cultural tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”(CHARTIER, 1988, p. 16-17).O autor destaca três conceitos chaves que norteia a obra: representação, prática, apropriação e assim problematiza que as práticas culturais constroem o mundo como representação’ (CHARTIER, 1988,p. 24).

Michel Certeau em sua obra “ A Invenção do Cotidiano”(1994) destaca alguns conceitos bastante relevante no âmbito das pesquisas de vertente culturalista entre os quais: consumo, uso, tática estratégia. A proposta do autor é:

narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo caminho significará delimitar um campo. Com isto, se precisará igualmente uma maneira de caminhar de aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária é mister de reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto.”(CERTEAU, 1994, p.35).

A influência de Michel de Certeau entre os historiadores culturalistas refere-se ao estudo das artes de fazer, das burlas que os mais fracos empreendem diante das estratégias disciplinizadora dos mais fortes.

Considera-se que a história social e a história cultural, tem se aproximado dos chamados ecluídos da história. Em geral, trabalham com a idéia de história enquanto construção particular de cada época, a história é um discurso permeado pelas subjetividades de seu produtor e não verdade absoluta sobre algo. Tem-se nessas duas vertentes uma ampliação do conceito de fonte e dos campos de investigação, mas também um intenso dialogo com outras disciplinas como a Antropologia, Literatura, Sociologia, Medicina, etc.

A recepção da história social e a história cultural: no Brasil: A cidade em sua relação com as práticas de higienização, estética e medicalização.

Durval Muniz de Albuquerque Jr., em seu livro “ A invenção do Nordeste e outras artes: afirma que pensar a regionalidade remonta as enunciações discursivas sobre as regiões a qual se refere . “Assim, o espaço é materializado , subjetivado e esteriotipado a partir de mecanismos de poder e saber, que recortam e constroem o espaço. (ALBURQUERQUE, 1999). Trabalhar a história local significa identificar as relações de poder e saber que atuam na construção e delimitação dos espaços por meio de estratégias discursivas e imagéticas.

Analisar as relações de poder e saber no contexto social, implica considerar “ que o poder não é um objeto natural, mas uma pratica social historicamente constituída.”(MACHADO, X, 1979). Roberto Machado na introdução do livro “ A microfísica do poder expõe “

que a análise ascendente de Michel Foucault estuda o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo; mas como tendo uma existência própria e formas específicas ao nível mais elementar. Os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivo ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, fronteiras ou limites.(MACHADO, XIV, 1979).

Nesta perspectiva construir uma historia local, a partir da abordagem das praticas e discursos e higienistas e estéticos, que redesenham o espaço e criam novas formas de percepção e de usos do espaço urbano, tem sua pertinência no contexto da história social , por que a cidade na contemporaneidade nos traz algumas problematizações pertinentes à abordagem historiográfica, pois:

viver em cidade nos traz a dimensão das necessidades e exigências de atendimento aos problemas postos pela comunidade urbana. Entende-los na perspectiva histórica é, sem duvida voltar-se para o passado e com os olhos no presente e proporcionar sobre este uma iluminação, ou seja, o presente de reconhece no passado que se revela uma matrix explicativa para a nossa contemporaneidade. (PESAVENTO, 2001,14).

Assim, a problematização de temáticas como a higiene e a estética no contexto da historiografia local, significa lançar mais um olhar sobre a cidade na modernidade e se relaciona com a emergência de uma nova

forma de compreender a história , introduzida pela Escola dos Annales, que inauguram a história-problema e que:

contra esta história museu que quer reconstituir definitivamente o passado, Febvre(1965) apresentará seu projeto de uma história-problema. O conhecimento do passado consistirá, então em sua interpretação e organização a partir de problemas e através de conceitos.(REIS, 2003, 35).

A história social embasada pela arte da problematização se distancia da história narrativa de fatos e feitos heróicos da chamada escola positivista e está em constante renovação “ mediante a elaboração de novas questões, de uma releitura dos documentos e da exploração de novas fontes, reconhecimento e prospecção de novos campos de investigação”(DUBY, 1988, p.130).

Lynn Hunt em “ A nova história cultural” (1992) mostra que na história o avanço para o social, foi estimulado pela influência de dois paradigmas: o marxismo e os Annales, sobre isto o autor comenta:

Com essa inspiração, os historiadores da década de 1960 e 1970, abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses as investigações da composição social e da vida cotidiana dos operários ;criados;mulheres; grupos étnicos e congêneres.(HUNT, 1992, p.2).

A história social inglesa e a história cultural francesa fornece base para o estudos das práticas de intervenção no espaço urbano, com vistas a limpeza social e física da cidade, mas também a promoção da estética urbana. Pois, tem-se “ uma narrativa que toma como objeto de estudo , temas considerados marginais como a bruxaria, higienismo, sanitarismo, medo, morte,doença etc, o que se dá principalmente com a terceira geração dos annales”.(BITTENCOURT, 2005).

Atualmente novas abordagens tem sido incorporados ao domínio da história. Isto, devido a emergência da história cultural francesa e da história social inglesa que enfatiza a multiplicidade de objetos da investigação histórica a exemplo das festas, mitos, doenças, sensibilidades, aspectos do cotidiano etc., (PINSK,2005). Assim, a interdisciplinaridade tem sido muito presente nas produções historiográficas de vertente social e cultural, no qual se observa o dialogo possível entre a história e medicina, higienismo, urbanismo, arquitetura.

Alguns historiadores brasileiros no período de redemocratização do país na década de 1980, passaram a se apropriar dos novos pressupostos historiográficos europeus, dentre eles a história cultural francesa e a história social inglesa, evidenciando nestas produções uma ampliação do conceito de fontes e dos campos de investigação.

No que se refere ao estudo das práticas de higienização e disciplinarização da classe trabalhadora, Margareth Rago em “ Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar” (1985) enfatiza

que a estratégia norteadora da intervenção dos higienistas sociais na remodelação das cidades consiste , então em separar os corpos, designando a cada um deles um lugar específico. O enquadrinhamento científico rigoroso da população trabalhadora facilita a empresa de desodorização das casas e das ruas, enterditas os contatos estreitos, permite exercer um controle científico-político do meio . destruir os miasmas é também destruir os odores da corrupção moral”(RAGO, 1985, p.165).

Influenciada pelo conceito de disciplinarização de Michel de Foucault* a autora analisa a tentativa de disciplinar a classe trabalhadora não só em seu ambiente de trabalho, mas também nos seus momentos de lazer, descanso, nas ruas e no lar, através das práticas de higienização. Ao analisar as experiências da classe trabalhadora a autora faz diálogo com o conceito de experiência usado por Thompson em “ A formação da classe operária” no qual o autor discute os elementos culturais que contribuíram a formação da consciência de classe na Inglaterra e destaca a classe enquanto fazer-se constantemente a partir de suas experiências.

Em “ Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial” Sidney Challoub analisa a constituição da ideologia da higiene no Brasil como elemento que legitimou as práticas intervenção no espaço urbano e desencadeou toda uma política de repressão aos cortiços como um meio possível de impedir a proliferação de doenças na cidade. Este trabalho reflete a influência da história social inglesa “ preocupada em recuperar as experiências dos “de baixo” e as tensões provocadas pelo choque entre as classes ricas e pobres.”(AGRA, 2006, p.20).

Sandra Jatahy Pesavento em “ Uma Outra cidade: o mundo dos excluídos do final do século XIX” (2001) analisa a cidade de Porto Alegre no final do século XIX sob o ponto de vista dos excluídos, ou seja os personagens da cidade que são invisíveis socialmente. Assim, a cidade para a autora:

A cidade que se estrutura e se constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução de seus serviços públicos, intervindo nos espaços. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereotipia fixada por imagens e palavras que lhe dão sentido preciso. Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser rechaçados e combatidos como inimigos internos, ou pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre eles se silencia e se nega presença.”(p.12-13).

A autora percorre os caminhos do imaginário social, que definiam uma outra cidade, trabalha os chamados excluídos, o que demarca uma produção historiográfica da vertente social, que privilegia o estudo dos chamados excluídos da história. Mas também constitui um desdobramento da chamada história cultural, por destacar os códigos e sentidos construídos pelos sujeitos para dar sentido ao mundo.

Fabio Guttemberg em “ Territórios de confronto: Campina Grande(1920-1945)” consiste numa produção historiográfica sobre a cidade pelo viés da história social, no qual enfatiza os usos que os habitantes fazem do espaço urbano, assim coloca:

Trazer a tona a diversidade de Campina Grande, é uma forma de mostrar como as elites tentaram hierarquizar espaços e instituir valores. Mas também é compreender como muitos moradores vão constituir outras cartografias, burlando e ressignificando uma teia de valores e códigos que lhes tentaram impor(SOUZA, 2006, p.90).

Esta produção historiográfica, reflete a influência da história social ao abordar as relações entre classes pobres e as elites. No entanto, o autor destaca o papel ativo das massas se utilizando do conceito de Michel Certeau “as burlas” ; “as táticas” inferidas pelos mais fracos diante das imposições dos mais fortes. A cidade neste sentido é problematizada pelo viés da história social, é vista como território de confronto, de lutas e não como um lugar estável.

Em trabalho sobre as práticas de higienização na cidade de Campina Grande no período de 1877 á 1935, Giscard Agra visualiza “a emergência dos discursos de modernidade e como estes passaram a nomear, classificar e instituir Campina como uma cidade caótica, atrasada e suja e que deveria se modernizar, higienizar-se e desodorizar-se ” (AGRA, 2006, p.25).

Agra aborda as questões higienistas da cidade, sob o ponto de vista da história social, no qual visualiza os conflitos e tensões resultantes das práticas de higienização, quando cita: “ Aqui veremos como essas diferentes formas de enunciar os discursos que pretenderam organizar e normalizar a sociedade por gerar conflitos e tensões entre os próprios transmissores desses discursos”(AGRA, 2006,p.25).

Considera-se, que esta produção historiográfica dialoga com os conceitos de disciplina introduzido por Michel Foucault em a *Microfísica do Poder*(1979), que analisa os dispositivos disciplinares instituídos no meio urbano, a partir do objetivo de criar padrões de comportamento considerados normais pela sociedade moderna.

A investigação de temas ligados a higienização das cidades no contexto da historiografia nacional remete-nos a discussão sobre as práticas médicas no cenário urbano, e como nos lembra Foucault(1978) “ esta higiene como regime de saúde implica por parte da medicina um determinado número de intervenções autoritárias e medidas de controle.” (p.201). A medicalização social vai incidir sobre o espaço urbano ao adotar medidas sanitaristas e higienistas para preservar a população do contágio de doenças.

A intervenção médica nas cidades, objetiva “ normatizar, secularizar os costumes segundo os discursos daquele período construir uma cidade higiênica e civilizada”(HERSCHAMANN, 1994, p.29).

Em muitas produções historiográficas nacionais de vertente social, pode-se observar que a intervenção médica no espaço urbano ocorre de maneira autoritária, havendo destaque para o poder que o médico exerce na sociedade a partir de uma racionalidade médico/científica que “ desqualifica os saberes populares sobre a doença e a cura”.(CHALHOUB, 1996, p.173).

Nesta perspectiva o médico “ investido de todo saber assegura um exercito de poder. O saber funciona na sociedade dotado de poder. Poder e saber se implica mutuamente.” (MACHADO, XXIII, 1978).

O médico aparece na maioria das produções historiográficas de vertente social enquanto sujeito de querer e de poder e que “ produziram um arcabouço ideológico para as reformas urbanas do final do século XIX e início do século XX.”.(CHALHOUB, 1996, p.170). Assim, o historiador Sidney Chalhoub destaca o papel do médico na elaboração de planos de transformação da cidade com o objetivo de eliminar da cidade os possíveis resíduos causadores de epidemias como a febre amarela, entre os quais o autor destaca o Cortiço “Cabeça de Porco” que era considerado antro de sujeira e imundície e por isso, sua demolição em 1893 fora legitimado pelo discurso médico-higienista.

No Brasil alguns trabalhos de história focaliza a questão da intervenção médica sobre a cidade, Jurandir Costa influenciado por Michel Foucault em “ Ordem médica e norma familiar”(1979) enfatiza a produção normativa que o médico exerceu sobre os corpos, com vistas a sua disciplinarização. Costa

também destaca o papel da medicina social no controle do comportamento dos habitantes das cidades coloniais, e assim coloca:

A medicina apossou-se do espaço urbano e imprimiu-lhes marcas de seu poder. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para a órbita médica de quase todos estes fenômenos físicos, humanos e sociais, construía para cada um deles tática específica de abordagem e transformação.(COSTA, 1979, p.30)

O autor faz uma análise das práticas médicas na cidade e também no âmbito familiar, em que o médico ao prescrever as condutas higiênicas que deveriam ser adotadas pela população, estaria intervindo nas relações entre indivíduo e sociedade.

A cidade bela, higienizada e medicalizada tem sido analisada na historiografia nacional pelo viés da história social e cultural enquanto espaço em que ocorre “ as múltiplas e sofisticadas formas de exclusão social e cultural os quais estão inseridos os inúmeros mecanismos construídos historicamente, das tecnologias disciplinares, das estratégias discursivas invisíveis e moleculares do poder no campo discursivo.” (FOUCAULT, 1979, p.26).

A cidade é então analisada enquanto campo fértil de práticas de higienização e estética que suscitam mudanças quanto à forma de pensar e usar o espaço urbano. Estas práticas funcionam como dispositivos disciplinares que visam ordenar os indivíduos num dado espaço. No entanto, a cidade é também vista como palco de confrontos em que os homens comuns da cidade se utilizam de táticas para burlar os procedimentos de disciplina impostos setores detentores de um poder “maior” (médicos, juristas, poder público). E, como nos lembra Certeau (1994) “ essas mil maneiras de fazer, constituem mil práticas pelos os quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural”.(p.71).

Algumas Considerações

A história social representa um avanço no que se refere aos métodos, conceitos e fontes. Introduce estudos de objetos antes pouco investigado pelos historiadores como: sexualidade, mulheres, rituais, festas, mitos, práticas de leituras.

A história cultural incide sobre a investigação minuciosa de textos, imagens e ações para discutir as representações construídas pelos homens em sociedade através dessas práticas culturais para dar sentido ao mundo, e assim, temos “ a ênfase sobre a representação na literatura, na história da arte, na antropologia e na sociologia tem levado um número cada vez maior de nossos equivalentes a se preocupar com as redes históricas nos quais seus objetos são apanhados.”(HUNT, 1992,p.29).

A história social e cultural focaliza em geral “ os chamados silêncios nos domínios do político, dos ritos, das crenças, dos hábitos[e, assim] era preciso encarar novas fontes: jornais, processos criminais, registros policiais, festas.” (PESAVENTO, 2003,p.29)..

A história social tem como ponto de enfoque os chamados silenciados na história, mas também traz uma série de inovações que apontavam para a “ experiência de classe e não para a luta de classes, onde se procura resgatar as práticas cotidianas de existência.”(PESAVENTO, 2003,p.15).

Na história cultural, é evidente o interesse do historiador pela cultura em que o objetivo central é “ pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.”(PESAVENTO, 2003,p.15).

Considera-se que a história cultural e a história social tiveram repercussões no Brasil em produções historiográficas sobre as práticas de higienização, embelezamento e medicalização das cidades. Neste sentido, os historiadores estabelecem diálogos com outras áreas do conhecimento como medicina, higienismo, arquitetura, urbanismo.

A cidade nesta perspectiva, é vista como palco de confrontos e experiências de diferentes sujeitos, que embora sofram procedimentos de disciplinas, elaboram em seu cotidiano práticas culturais que ressignifica o lugar onde vivem e cria para si novos referenciais para sua existência.

Referencias bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste: e outras artes. Recife, Editora Massananga, 1999.

AGRA, G. F. A urbs doente medicada: A higiene na construção de Campina Grande(1877-1935). Campina Grande: Editora Marcone, 2006.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de fazer. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial, São Paulo; Companhia das Letras; 1996

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

COSTA, Jurandir Malerba. Ordem Médica e a norma familiar. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

BITTENCOURT, Cirne Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005..

DAVIS, Natakie Zemon. O retorno de Martin Guerre. Tradução Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn.(org.). A nova história cultural. Tradução Jefferson Luis Camargo, São. Paulo: Martins Fontes, 1992.

DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades.In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. Tradução Theo Santiago, Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.

FOUCAULT, M. A Microfísica do Poder. Rio de janeiro, Graal, 1979.

- _____. Os anormais. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HERSCHAMANN, Micael M. A arte do operatório: medicina, naturalismo e positivismo (1900-1937). In: HERSCHAMANN, Micael M e PEREIRA, Carlos Alberto, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- HUNT, Lynn.(org.). A nova história cultural. Tradução Jefferson Luis Camargo, São. Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, M. A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- _____. História e história cultural. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.
- PINSKY, Carla Bessazi. (org.) Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005.
- RAGO, Margareth Luiza. Do lar ao cabaré: a utopia da cidade disciplinar: Brasil(1890-1930). 2º ed. Rio de Janeiro, 1985.
- REIS, José Carlos. História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SHARPE, Jim. A história vinda de baixo. In: . BURKE, Peter. A escrita da história. Novas Perspectivas. Tradução Magda Lopes. Editora Unesp, 1992.
- THOMPSON, E.P. A formação da classe operária: A árvore da liberdade. 2º ed. Tradução Tradução Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987..
- SOUSA, F.G.R.B. Territórios de confrontos: Campina Grande(1920-1945). –Campina Grande- EDFCG, 2006.

